

**“A JUSTIÇA FOI FEITA”: UMA ANÁLISE DE *FRAMING* NA COBERTURA DA
CNN SOBRE A MORTE DE OSAMA BIN LADEN**

Poliana Pasa

RESUMO

Quase dez anos após os atentados de 11 de setembro de 2001, o presidente dos Estados Unidos anunciou a morte de Osama Bin Laden em um depoimento ao vivo para a televisão. Mas são dos momentos que antecedem a declaração, repletos de especulações e expectativas, que trata este artigo. Enquanto emissoras do mundo inteiro estavam agendadas pelo mesmo assunto, o canal internacional da CNN apresentou enquadramentos peculiares para a situação. Dessa forma, o presente texto procura mostrar como a televisão, aliada ao jornalismo, tem o potencial para produzir significados e construir a realidade, além de reforçar imaginários sociais já existentes.

Palavras-chave: Televisão; Enquadramento; Imaginário

***“JUSTICE HAS BEEN DONE”: A FRAMING ANALYSIS ON CNN’S COVERAGE OF
OSAMA BIN LADEN’S DEATH***

ABSTRACT

Almost ten years after the terrorist attacks of September 11, 2001, the president of the United States announced Osama Bin Laden’s death on a live television statement. But it is the moments prior to the declaration, filled with speculation and expectation, which this article refers to. While television stations all over the world gathered on the same agenda, the international CNN channel presented peculiar framings for the situation. Therefore, this present text seeks to show how television, coupled with journalism, has the potential to produce meanings and build reality, besides reinforcing already existing social imaginaries.

Keywords: Television; Framing; Imaginary

*Oh, say does that star-spangled banner yet wave
O'er the land of the free and the home of the brave?*

“*Star Spangled Banner*”, de Francis Scott Key

(Hino nacional dos Estados Unidos da América)

Naquela terça-feira, em setembro de 2001, foi como se o mundo inteiro parasse diante de uma única imagem. Ao menos do ponto de vista da produção televisiva, não havia outra coisa a mostrar que não as Torres Gêmeas transformando-se em escombros, a fumaça escura tomando conta de Manhattan, o choque, o medo. Pelas redes de informação, o inesperado ataque espalhou-se com tamanha velocidade que pudemos assistir ao vivo à queda da segunda torre. Em questão de minutos, veículos ao redor do mundo compartilhavam a mesma agenda, cobriam o mesmo acontecimento. O dia 11 de setembro de 2001 tornou-se um marco, não só para a história internacional, mas também para o jornalismo (ALLAN; ZELIZER, 2002).

Passados quase dez anos, o universo do jornalismo televisivo encontrou-se novamente unido na cobertura de um mesmo fato. Dessa vez, sem o impacto de um evento global (DERDERIAN, 2001) ou a força imagética digna de um *blockbuster hollywoodiano*, mas com grande potencial simbólico devido à ligação com o Onze de Setembro. A morte de Osama Bin Laden, ex-líder do grupo terrorista Al-Qaeda, responsável pelo ataque às Torres Gêmeas, acionou inúmeros plantões de notícias e fez obrigatórias nas grandes emissoras de TV as longas transmissões ao vivo sobre o fato.

Mais uma vez, a agenda midiática se voltou a um só tema. Pouco a pouco, emissoras do mundo inteiro interromperam suas programações normais para relatar aquilo que ainda não era bem uma notícia, mas mais uma especulação derivada de supostas fontes oficiais. A expectativa em torno da confirmação da morte de Bin Laden é o que este artigo se propõe a analisar, a partir da cobertura do canal de notícias CNN, nos momentos que antecederam a declaração do presidente Barack Obama sobre o assunto.

Tal análise parte do princípio de que, no momento em que a notícia principal é a mesma em quase toda a mídia, o que é capaz de definir a inclinação do discurso midiático de determinado veículo não é o agendamento em si, mas o *framing*, o enquadramento dedicado ao tema. A seguir, a proposta desta parte da hipótese do *agenda-setting* será um pouco mais

detalhada, mas no momento cabe lembrar a influência da televisão enquanto uma espécie de autoridade na formação do imaginário social na contemporaneidade.

Sodré (2003), por exemplo, afirma ser a televisão, por excelência, a forma de ver e interpretar na sociedade contemporânea. Mais do que uma referência aos efeitos da chamada “sociedade do espetáculo” de Guy Debord, tal afirmação é corroborada pela idéia de Kellner (2006) a respeito da transversalidade da televisão, tida como um veículo capaz de atingir um público imenso e, ao mesmo tempo, heterogêneo. Especialmente nesta era globalizada, em que ficam mais acentuadas as trocas simbólicas através das mídias, independente de fronteiras físicas, a imagem propagada pela televisão tem o poder de operar “mutações na estrutura psíquica e nos modos de percepção do indivíduo contemporâneo” (SODRÉ, 2006, p. 8).

São os valores embutidos nos símbolos difundidos pela mídia que, apesar de subjetivos, têm a capacidade de ditar preceitos éticos e estéticos a respeito das sociedades. De acordo com Sodré (2002), a mídia não determina, mas prescreve efeitos na sociedade. Trata-se também do que Walter Lippman chamava de “pseudoambiente”, um mundo que existe na mente das pessoas. Sobre este conceito, McCombs (2009) explica que “quando os eventos e as situações de cada dia são refratados através das lentes profissionais das organizações noticiosas, o resultado freqüentemente é uma imagem do mundo, um pseudoambiente, que está longe de ser isomórfico” (MCCOMBS, 2009, p. 44).

Não há, portanto, objetividade na formação do real transmitido pelas mídias. Porém, a subjetividade, presente na construção imagética dos fatos expostos pela televisão, leva a uma discussão que transcende a disputa do real *versus* o ficcional: o gênero televisivo tem o poder de instaurar e dissolver mundos (KILPP, 2006). A imagicidade televisual, então, tem a capacidade de formar uma estrutura discursiva que abrange as subjetividades da televisão, as molduras e o conjunto de imaginários produzidos pela mídia.

Moldura é também uma tradução para a palavra inglesa *frame*, a qual traduz, no contexto do *agenda-setting*, o ângulo de abordagem de uma ou mais matérias jornalísticas. De acordo com Gutman (2006), o *frame* seria o quadro a partir do qual um tema é pautado pelas mídias e, conseqüentemente, processado e discutido na esfera pública. É o conceito que mais

concentra a proposta do agendamento de que a construção de uma idéia, imagem ou identidade passa pela determinação do discurso jornalístico.

O pressuposto do *agenda-setting* de que os meios de comunicação de massa não dizem apenas sobre o que pensar, mas também como pensar os temas, define o emprego do conceito de *framing*. Considerado o segundo nível do processo de agendamento, o *framing* é apontado por Wolf (2008) como o delineamento de um quadro interpretativo para aquilo que já foi coberto intensamente pela mídia. A partir da interpretação, o *framing* pode levar a uma terceira fase de agendamento, em que “cria-se um vínculo entre o objeto ou o evento e um sistema simbólico, de modo que o objeto torna-se parte de um panorama social e político reconhecido” (WOLF, 2008, p. 179).

Nesse sentido, o *framing* também representa a necessidade de mediação que, de acordo com Hohlfeldt (2005), intensifica-se na sociedade urbana complexa. Mediação cujo papel é igualmente importante na formação de imaginários. Segundo Kilpp (2006), o imaginário só pode ser capturado quando mediado e, assim, as imagens e os discursos transmitidos pela televisão passam a ter ainda mais força no contexto atual.

Como integrante do chamado sistema de *mass media* ou de informação de massa, a televisão é um dos locais de produção do real na sociedade ocidental (SODRÉ, 2006). Porém, mais do que produzir um determinado real, a televisão, enquanto espaço social na chamada sociedade da imagem, é uma grande fonte de discursos do imaginário, até porque, como afirma Piccinin (2006), toda realidade é uma representação, o que torna a televisão uma espécie de conexão entre os indivíduos e os fatos da sociedade.

Sob este ponto de vista, estar conectado a esses acontecimentos, passa a ser um valor e, portanto, um ritual importante da sociedade do espetáculo uma vez que, antes, o lugar da representação, do vivido, se dava através das manifestações culturais e hoje elas estão justamente nos espaços midiáticos e, em especial na televisão, onde se dão os acontecimentos (PICCININ, 2006, p. 4).

Ao juntar a memória afetiva e a potência para criação de capital cultural, o imaginário torna-se uma usina de mitos e a televisão passa a ser o laço social virtual a conectá-los (SILVA, 2006). E atua, portanto, no processo de construção de identidades. Vale lembrar que a contação de histórias é uma tradicional forma de criar pertencimento e solidariedade em meio aos grupos sociais. Um exemplo são as narrativas construídas a partir do Onze de

Setembro, numa tentativa de compreender o evento, dar sentidos às imagens catastróficas daquele dia, de unir a população norte-americana sob um luto patriótico e solidário. A comunicação na forma de imagens, nesse sentido, serve para fortalecer imaginários e estabelecer determinados discursos como reais e predominantes.

É dessa maneira que a cobertura da CNN dos momentos que antecederam a confirmação da morte de Osama Bin Laden pode ser reveladora de uma determinada visão de mundo e de valores que passaram a transparecer mais na sociedade norte-americana após o 11 de Setembro. Portanto, a partir da análise dos vídeos disponibilizados no *site* oficial da rede CNN, que mostram tal cobertura, pretende-se encontrar as idéias por trás do discurso jornalístico veiculado pela rede, bem como do discurso do presidente Barack Obama, transmitido ao vivo. Para isso, após identificar os principais *frames* da cobertura, a análise em questão foi dividida em três partes e as transcrições dos vídeos citados estão anexadas¹ ao final do texto.

Patriotismo nas lentes do telejornalismo

“Os Estados Unidos tem o corpo de Osama Bin Laden”. Essa frase foi repetida pelo menos cinco vezes em menos de dois minutos. O correspondente da CNN, John King, ao entrar ao vivo com a *breaking news* de que a morte de Bin Laden seria confirmada em instantes pelo presidente, parecia tentar convencer a si próprio do acontecido. Insistia que, apesar de ainda não terem detalhes, o governo estava “convencido” de que tinha o corpo, de que Osama Bin Laden estava, finalmente, morto.

O termo “finalmente” não foi pronunciado nesta entrada ao vivo, mas é o que parecia exalar da fala de King: “O presidente dos Estados Unidos vai entrar na sala de *briefing* numa noite de domingo e dizer à nação que, depois de toda essa espera, depois de toda essa mágoa, toda essa procura, todo esse fracasso, o governo dos Estados Unidos está agora convencido de que tem o corpo de Osama Bin Laden e que Osama Bin Laden está morto, quase dez anos depois do ataque de 11 de setembro”.

¹ ANEXO A: a partir da página 21.

Ao contrário daquela manhã de 11 de setembro, não havia uma imagem chocante para repetir infinitamente até que a informação fizesse sentido. O próprio sentido, o roteiro pronto que faltava aos jornalistas em 2001 (ALLAN; ZELIZER, 2002) para compreender o que acontecia, não estava em falta agora. Na noite de 1º de maio, qualquer americano e, especialmente, qualquer jornalista americano sabia o que significava a morte de Bin Laden.

No caso do Onze de Setembro, a experiência vista ou vivida causou dificuldade de significação, pois extrapolou limites da linguagem e da inteligibilidade humana naquele momento (RESENDE, 2010). Apesar da transmissão ao vivo e dos *replays*, era um evento que não podia ser narrado com os significados coletivos disponíveis. De acordo com Resende, “o Onze de Setembro foi experimentado pessoal, visual, digital, virtual, global e simultaneamente como nenhum outro evento da História” (2010, p. 208).

Para Allan e Zelizer (2002), é notável que o jornalismo se veste com suas verdadeiras cores quando o mundo escurece. Nesse sentido, acreditam que os jornalistas são chamados a cumprir uma tarefa muito maior do que sua função diária de informar. Em dias traumáticos, são convocados a contribuir para a reconfiguração das identidades, tanto individuais quanto coletivas, as quais estão temporariamente abaladas. De fato, o impacto da destruição das torres no imaginário coletivo, principalmente no território norte-americano, forçou a produção de um novo discurso, de uma narrativa capaz de explicar o acontecido por meio de símbolos que fizessem sentido para a população. O 11 de Setembro se tornou, então, um marco de ruptura e reestruturação, não apenas de aspectos políticos, econômicos e sociais, mas também de ferramentas cognitivas.

Em situações de crise e de ruptura, as narrativas evocam o passado imaginário da coletividade para ressignificar os sentidos cotidianos no “modo de vida” do grupo, adaptar e reconstituir as crenças cognitivas e as afetivas dos indivíduos sobre a realidade e sobre si mesmos. Diante da ambiguidade, da incerteza e da ansiedade provocadas pela crise, as narrativas buscam reconectar as identidades individuais e as coletivas, ressignificando a realidade e o sentido das coisas para os indivíduos. (RESENDE, 2010, p. 220-221)

É por isso que John King, ao antecipar o que seria confirmado em seguida pelo presidente Obama, sabia exatamente como se posicionar em relação a Bin Laden. Para o âncora da CNN, e para quem o estivesse assistindo, ele falou com intimidade e absoluta

convicção: “Você sabe exatamente o que isso significa, você que sabe que figura Osama Bin Laden se tornou, uma figura nefasta ao redor do mundo, não só nos Estados Unidos”.

A necessidade de superar o trauma e recriar a ordem após o 11 de Setembro levou à chamada “guerra ao terror”, um discurso posto em prática pelo governo dos Estados Unidos nas ocupações do Afeganistão e do Iraque. Mesmo sem unanimidade, a “guerra ao terror” passou a ocupar espaço constante nas mídias e a televisão encontrou, nas fortes imagens de um Oriente Médio assolado por ditadores e homens bomba, além da eterna repetição da queda das Torres Gêmeas, uma boa razão para explorar o tema.

É preciso, portanto, levar em conta o papel do aparato midiático na construção de sentido sobre os acontecimentos mundiais. A relação da produção televisiva com os eventos globais está bastante atrelada às noções de espetáculo e simulacro, bem como à Teoria da Agenda e ao poder de enquadramento sobre a realidade. São conceitos pertinentes ao mundo global, que exercitam o entendimento de questões da chamada sociedade pós-moderna.

Mas também é preciso considerar o papel pessoal dos jornalistas, sobretudo os norte-americanos, na cobertura de fatos traumáticos. Normalmente, como afirma Rosen (2002), os jornalistas não são atingidos pelos eventos. O que eles noticiam é que, sim, atinge os outros. Seria uma espécie de imunidade em relação ao real que torna possível o suposto regime de neutralidade, objetividade e distanciamento praticado por jornalistas. No entanto, no 11 de setembro, essa lógica foi soterrada pela queda das torres.

Para Schudson (2002), o jornalismo assume um papel pastoral em momentos de tragédia. Segundo ele, não foi preciso instruir os jornalistas a reverenciar as vítimas do ataque terrorista ou a considerar os bombeiros e policiais como heróis no 11 de setembro. Trata-se, para o autor, de uma prosa de solidariedade, que se sobressai facilmente em relação à prosa da informação. Da mesma forma, não foi preciso ensinar a odiar Bin Laden nem foi preciso explicar porque a manchete do dia (“Bin Laden está morto”) era motivo para comemoração. Rosen (2002) vai ao encontro do que diz Schudson quando fala sobre a nova mentalidade do jornalismo norte-americano. Segundo ele, o trabalho do jornalista se tornou uma forma específica de ser patriota.

Primeiro um americano, depois um profissional. Tal mentalidade ficou impressa em John King e, provavelmente, em grande parte dos repórteres norte-americanos após do 11 de setembro. O grande trauma gerado pelo evento é abordado por Allan e Zelizer (2002). Para os autores, um trauma não desaparece ligeiramente, mas permanece e, mesmo que pareça enfraquecer, volta à superfície quando menos se espera. Ainda que o presidente Obama e outras fontes viessem a dar os detalhes, nenhuma explicação seria necessária, nada seria mais importante do que ter o corpo de Bin Laden. As lentes do telejornalismo ficaram cegas com a morte do “mentor do 11 de setembro”, como disse King. Não se vislumbrou, no primeiro momento, causas ou conseqüências, apenas o fato de que Bin Laden fora morto pelos Estados Unidos. Se eles tinham o corpo, eles tinham a vitória.

Nós e eles

O segundo vídeo da cobertura se trata da rápida entrada ao vivo do correspondente da CNN em Cabul, Nick Patton Walsh. Ele tinha informações sobre a “operação de inteligência altamente sensível” que resultou na morte de Bin Laden. Neste momento, já se sabia que o fato acontecera no Paquistão, provavelmente em Islamabad. Isso significava que Bin Laden não estava escondido em uma caverna no meio do nada, mas estava vivendo na urbanidade paquistanesa, bem embaixo do nariz de um governo que se diz aliado dos Estados Unidos.

Patton Walsh ainda disse que oficiais de inteligência do Paquistão estavam afirmando terem participado da operação que matou Bin Laden. E assim ele pôde encerrar seu boletim com as seguintes palavras: “Eles estão obviamente querendo mostrar que são aliados dos Estados Unidos na guerra contra o terror e eu acho que claramente também tentando antecipar qualquer acusação de conluio”. Claramente, não há espaço para neutralidade na dialética da guerra norte-americana. Existe o “nós” e existe o “eles”, e quem não se esforça em ser “nós”, é automaticamente uma parte “deles”.

Nesse sentido, as palavras do próximo correspondente a entrar no ar são ainda mais contundentes. Nic Robertson não demorou em afirmar que o acontecido iria “tornar nossas relações com o Paquistão ainda mais temerosas e mais difíceis”. E continua: “isso vai tensionar as relações entre Estados Unidos e Paquistão e entre a Europa e o Paquistão. Também vai colocar muita tensão no governo do Paquistão. Essa tem sido uma das questões

mais difíceis e espinhosas para eles, lidar com o fato: o que acontece se Bin Laden for preso ou morto no seu solo? Porque isso vai imediatamente mostrar que ele estava escondido lá, que apesar das afirmações de que eles estavam fazendo o melhor que podiam para capturá-lo, há falhas nas suas operações de inteligência das quais eles não sabiam, que ele conseguiu de fato se esconder longe da vista”.

As palavras de Nic Robertson são combativas e aludem ao estereótipo guerreiro dos Estados Unidos. Contudo, a guerra é um conceito arraigado na história da humanidade em si e tradicional nos estudos de Relações Internacionais. O pensamento realista, por exemplo, defende a idéia de que a guerra está sempre à espreita dos Estados. Na essência das relações internacionais está o poder – a busca por ele, sua manutenção ou sua perda. Nesse sentido, a guerra pode funcionar, muitas vezes, como uma prática de afirmação de poder na esfera internacional. Porém, mais do que uma estratégia para proteger fronteiras ou implantar políticas com uso da força, as guerras são importantes para assegurar a identidade dos Estados - uma fronteira cada vez mais frágil no contexto da globalização.

Nesse sentido, a “guerra ao terror” é, antes de tudo, uma política para unificar uma ideologia norte-americana, a fim de responder aos ataques de 11 de setembro. Assim, o conceito de identidade pode ser entendido como algo que define individualidades, grupos e comunidades, além de ajudar a compreender a formação de interesses e sua aplicação na ação política (MESSARI & NOGUEIRA, 2005). A própria noção de soberania, tão cara à concepção moderna de sujeito e Estado, passa pela disseminação de um discurso mediado pela construção de identidades nacionais.

Stuart Hall (2006), autor vinculado à corrente dos Estudos Culturais, aponta que a idéia de cultura nacional nada mais é que um discurso, composto por símbolos e representações. Ou seja, uma construção de sentido capaz de vincular o sujeito ao Estado numa sensação de pertencimento. No entanto, a constituição de uma unidade patriótica depende mais do reconhecimento daquilo que o sujeito não é do que o estabelecimento de características que o identifiquem. A composição da identidade de uma nação, a partir da negação de tudo o que lhe é estranho, aparece também na obra de Neumann (2002), segundo o qual é preciso reconhecer o outro para constituir o *self*.

É essa dualidade que aparece na intervenção de Nic Robertson e que reflete o suposto pensamento norte-americano em relação ao resto do mundo. Para Karim (2002), apesar de o jornalismo profissional, no contexto de um Estado liberal, ser independente das elites políticas e econômicas, ele tende a reproduzir, operacional e estruturalmente, os discursos dominantes e as perspectivas dos saberes autorizados. Assim, a reação patriótica seria relativamente natural frente a uma situação de guerra ou conflito.

Contudo, Waisbord (2002) acredita que o entusiasmo patriótico foi mais que uma mera resposta às intenções “anti-americanas” dos ataques de 11 de setembro. Segundo o autor, tal evento foi uma oportunidade para posicionar a identidade patriótica norte-americana por meio da articulação do Outro. Trata-se da identidade enquanto um processo discursivo, em que o Outro é definido como diferente e excluído da comunidade nacional.

O 11 de setembro destruiu, ainda que temporariamente, a idéia de que os Estados Unidos são uma fortaleza, inatingível e indestrutível. E para recuperar a soberania enquanto nação foi preciso instaurar a saga da guerra ao terror. A morte de Bin Laden, nesse sentido, representa uma vitória do “nós” contra o “eles” e tem potencial para redefinir parcerias e estratégias no sistema internacional. Mas, é claro, a guerra não está acabada. A saga dos bravos americanos pela liberdade do mundo continua – e Nic Robertson sabe disso. Bin Laden está morto, não o terror: “É improvável que isso mate a Al-Qaeda, mas isso vai ter um enorme impacto psicológico nos membros da organização”.

Reafirmando a nação dos fortes e bravos

A expectativa em torno do que seria anunciado por Barack Obama foi rapidamente espalhada para além das telas de televisão. A população norte-americana começou a sair às ruas para comemorar, antes mesmo de o fato ser confirmado pelo presidente. O registro em vídeo da CNN mostra uma multidão reunida em frente à Casa Branca. Em meio a pulos e aplausos, ouvem-se os gritos: “USA! USA! USA!”.

Mais uma vez, a reação imediata colocou o patriotismo acima da razão. Ainda não se sabia das circunstâncias da morte de Bin Laden, mas nem se cogitou a hipótese de que ele tivesse sido assassinado, sem chance de defesa, pelos Estados Unidos. Aliás, se esse fosse o

caso, ainda melhor. Afinal, não foi uma pessoa a ser atingida pelos tiros das forças militares norte-americanas. Foi o próprio Mal que morreu, atingido pelas balas do Bem. Se tais palavras se parecem a uma retórica religiosa fundamentalista, semelhantes, inclusive, a apropriações estereotipadas em relação ao próprio Islã, então se pode considerar a idéia de Noam Chomsky (2002) sobre a nação norte-americana: “Os Estados Unidos, na verdade, são uma das culturas mais extremamente fundamentalistas do mundo; não o Estado, mas a cultura popular” (CHOMSKY, 2002, p. 23-24).

Talvez isso explique a festa das pessoas em frente à Casa Branca, uma comemoração sem muita razão de ser, visto que nada ainda havia sido explicado à população. A população foi às ruas com base na antecipação jornalística acerca de uma morte anunciada há quase dez anos². Mas cabe aqui lembrar que a cultura popular, na qual estão inseridos os valores e as identidades de uma sociedade, está embutida no Estado e nas práticas governamentais. Nesse sentido, a essência da reação das pessoas em Washington, e em outras partes do país, é correspondente ao conteúdo da primeira frase do tão esperado discurso de Barack Obama: “Boa noite. Hoje à noite, eu posso relatar ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos realizaram uma operação que matou Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda e um terrorista que é responsável pelo assassinato de milhares de homens inocentes, mulheres e crianças”.

Baudrillard (2003) considerou o 11 de setembro como o fim da “greve dos acontecimentos”. Porém, ressaltou que, “para um acontecimento único, exige-se uma reação única, imediata e incontestável” (BAUDRILLARD, 2003, p. 19). Os Estados Unidos precisavam, então, responder ao acontecimento da queda das torres com outro acontecimento de igual simbologia. No entanto, o máximo que puderam fazer foi criar a guerra ao terror, a qual não foi capaz de apagar a destruição simbólica do ataque terrorista. E é isso que, de certa forma, está presente nesta parte do discurso de Obama:

“Foi há quase 10 anos que um brilhante dia de setembro foi escurecido pelo pior ataque ao povo americano em nossa história. As imagens de 11 de setembro estão gravadas na nossa memória nacional - aviões seqüestrados cortando um céu sem nuvens de setembro, as

² O ex-presidente norte-americano George W. Bush anunciou, após o 11 de Setembro, que iria capturar Osama Bin Laden, vivo ou morto.

Torres Gêmeas desabando no chão, fumaça preta acima do Pentágono, os destroços do voo 93 em Shanksville, Pensilvânia, onde as ações de cidadãos heróicos salvaram de ainda mais desgosto e destruição. E, no entanto, sabemos que as piores imagens são aquelas que foram invisíveis para o mundo. A cadeira vazia na mesa de jantar. As crianças que foram obrigadas a crescer sem a mãe ou o pai”.

Essa imagem desoladora de um país órfão de sua essência é o que serviu de base para a ação contra Osama Bin Laden. A identidade de uma “imensa compaixão do povo norte-americano por si mesmo” (BAUDRILLARD, 2003, p. 32) fortaleceu-se com a tragédia de 11 de setembro e permitiu uma retórica ainda mais incisiva sobre os laços da nação. Assim, Obama continuou: “Em 11 de setembro de 2001, no nosso tempo de sofrimento, o povo americano se uniu. Oferecemos aos nossos vizinhos uma mão, e oferecemos aos feridos nosso sangue. Reafirmamos nossos vínculos com o outro, e nosso amor pela comunidade e o país. Naquele dia, não importava de onde viemos, a que Deus orávamos, ou de que raça ou etnia éramos; estávamos unidos como uma família americana”.

E pela família se é capaz de qualquer coisa. “E assim fomos para a guerra contra a Al-Qaeda para proteger os nossos cidadãos, nossos amigos e nossos aliados”, disse Obama, frase que veio ao encontro do pensamento de Chomsky (2002). Segundo o autor, a ameaça e o uso de violência seriam considerados atos terroristas caso não estivessem sendo utilizados pelos Estados Unidos, uma grande potência. Para o imaginário norte-americano, o assassinato de Bin Laden não significa a aplicação de uma pena de morte sem julgamento, mas o implacável emprego da justiça.

Em outras palavras, foi isso que disse Obama: “Como um país, nós nunca vamos tolerar nossa segurança sendo ameaçada, nem ficar de braços cruzados enquanto o nosso povo é morto. Nós seremos implacáveis na defesa dos nossos cidadãos e nossos amigos e aliados. Seremos fiéis aos valores que nos fazem quem somos. E em noites como esta, podemos dizer às famílias que perderam entes queridos com o terror da Al-Qaeda: a justiça foi feita”.

Reafirmar o poder dos Estados Unidos perante os vilões do mundo é essencial para manter a idéia soberana de uma cultura e de um imaginário dominantes. Segundo Neumann (2002), a cultura se forma num circuito de práticas, discursos e histórias, o qual é

impulsionado pelo poder. Assim, de acordo com o autor, as práticas usam estórias para formar discursos. Esse caminho é o da governabilidade. Ao mesmo tempo, os discursos utilizam estórias para corroborar práticas. Tal passagem constrói o poder conceitual, baseado na linguagem e intrinsecamente ligado à imagem que se faz de uma identidade coletiva.

Portanto, as palavras de Barack Obama são bastante simbólicas da reafirmação de uma identidade coletiva e de um imaginário dominante sobre os Estados Unidos: “E hoje, vamos pensar de volta no sentido de unidade que prevaleceu em 11 de setembro. Eu sei que ele tem sido, por vezes, desgastado. No entanto, a realização de hoje é um testemunho da grandeza do nosso país e a determinação do povo americano”. Assegurar a estabilidade dos Estados Unidos enquanto unidade patriótica é fundamental para Baudrillard (2003), pois, “se contra o terrorismo e contra a insegurança física, pode-se montar todo um aparelho de repressão e de dissuasão, nada nos protegerá da insegurança mental” (BAUDRILLARD, 2003, p. 47).

Assim, a parte final do discurso de Barack Obama torna-se claramente uma tentativa de firmar uma identidade fixa sobre os Estados Unidos, como aqueles que asseguram a liberdade do mundo, aqueles que são justos e incansáveis, aqueles que são protegidos por Deus. O fim do recado do presidente à grande família norte-americana foi o seguinte: “A causa da segurança de nosso país não está completa. Mas hoje, estamos mais uma vez lembrando que a América pode fazer o que colocamos em nossa mente. Essa é a história da nossa história, se é a busca da prosperidade para nosso povo, ou a luta pela igualdade de todos os nossos cidadãos, nosso compromisso de defender os nossos valores no exterior e os nossos sacrifícios para tornar o mundo um lugar mais seguro. Lembremo-nos de que nós podemos fazer estas coisas, não só por causa da riqueza ou do poder, mas por que somos uma nação sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos. Obrigado. Que Deus os abençoe. E que Deus abençoe os Estados Unidos da América”.

Cada vez mais, na lógica da globalização, a soberania é um conceito frágil longe do imaginário coletivo. Por isso, a manutenção da essência de uma identidade cultural é tão importante para os Estados no mundo contemporâneo. Assim, um país que domina com tanta destreza não só os discursos identitários, mas também os discursos e as técnicas midiáticas, é certamente capaz de impor determinados valores sobre o mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que os Estados Unidos enquadram o Ocidente de acordo com seus desejos. Os norte-

americanos, seja através da política externa, seja através da mídia, formam os *frames* da sociedade contemporânea.

Conclusão

Quando abordada como uma tecnologia do imaginário, a televisão se torna o principal mecanismo de produção simbólica da sociedade do espetáculo. Neste contexto, a palavra espetáculo deve ser compreendida não apenas como um conjunto de imagens, mas como a relação social mediada por imagens, cujo poder de sedução e potência simbólica une-se à provação social de um poder econômico (SILVA, 2006).

No evento da morte de Osama Bin Laden, não havia uma imagem contundente ou chocante em que firmar a cobertura jornalística. Nesse sentido, o espetáculo não podia ser baseado em um símbolo visível. Havia, porém, a imagem construída durante e solidificada após o 11 de setembro, a qual permaneceu latente na identidade norte-americana durante a última década. A cobertura do dia 1º de maio, especificamente a do canal CNN, foi uma oportunidade para o imaginário da vitória e da perseverança reaparecer no discurso midiático, bem como nas ações populares e no discurso oficial do Estado.

A análise da cobertura, em relação aos *frames* que ela apresentou, deixa clara a transmissão, seja ela intencional ou não, de um ideal norte-americano, o qual tem a ver não só com poder e auto-afirmação, mas também com persistência e com uma idéia historicamente construída de justiça. De certa forma, a tela da televisão mostrou, naquele dia, uma versão do sonho americano em vestes de jornalismo. Ainda que com tons de obra ficcional, o telejornalismo da CNN, nos momentos que antecederam a confirmação da morte de Osama Bin Laden, denotou a sensação de deslocamento e de falta de direção experimentada pelo sujeito pós-moderno. Os conteúdos televisivos, produzidos cada vez mais sob a lógica da fragmentação e da rapidez, contribuem para tais efeitos.

Nesse sentido, a maleabilidade das identidades individuais e coletivas intensificada pela globalização e pelo fluxo transnacional dos conteúdos midiáticos, passa a se refletir, de forma hiperbólica, na televisão. Por isso, a importância de estudar esses fenômenos e processos no contexto da produção televisiva, pois ela é capaz de configurar um espaço

público legítimo, ainda que virtual. A televisão, aliada ao jornalismo, tem o potencial para produzir significados e construir a realidade, especialmente a partir de princípios já arraigados em imaginários sociais cuja ideologia é dominante no mundo ocidental contemporâneo.

Referências Bibliográficas

ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). **Journalism after September 11**. New York: Routledge, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **Power inferno**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 14, p. 88-101, abril 2001.

CHOMSKY, Noam. **11 de Setembro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DERIAN, James Der. Global Events, National Security, and Virtual Theory. **Millenium – Journal of International Studies**. n. 30, p. 669-690. 2001.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting? *Contemporânea*, v. 4, n. 1, p. 25-50, jun. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V.V. (Org.) *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 187-240.

KARIM, K. H. Making sense of the “Islamic peril”: journalism as cultural practice. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). **Journalism after September 11**. New York: Routledge, 2002. p. 101-116.

KELLNER, Douglas. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 119-147.

KILPP, Suzana. **Mundos televisivos**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2005.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

NEUMANN, Iver. Diplomacy and the linguistic turn. **Millenium – Journal of International Studies**. n. 3, vol. 31, p. 627-651. 2002.

NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizzar. **Teoria das Relações internacionais**. São Paulo: Elsevier, 2005.

PICCININ, Fabiana. **Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt> – 2006.

RESENDE, Erica. Aporia e trauma na crise de significados do Onze de Setembro. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, vol. 32, no 1, jan/jun 2010, p. 205-238 .

ROSEN, Jay. September 11 in the mind of American Journalism. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). **Journalism after September 11**. New York: Routledge, 2002. p. 27-35.

SCHUDSON, Michael. What's unusual about covering politics as usual. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). **Journalism after September 11**. New York: Routledge, 2002. p. 36-47.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Televisão e psicanálise**. São Paulo: Ática, 2003.

_____, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

_____, Muniz. **Antropológica do espelho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. 5 ed.

WAISBORD, Silvio. Journalism, risk and patriotism. In: ALLAN, S.; ZELIZER, B (Org.). **Journalism after September 11**. New York: Routledge, 2002. p. 201-219.

WOLF, Mauro. **Teorias das Comunicações de Massa**. São Paulo: Martins Fontes,

ANEXO A

TRANSCRIÇÕES – CNN

CNN confirma a morte de Bin Laden

(adicionado ao site em 02 de maio)

John King – correspondente:

Temos fontes agora de que o presidente dos Estados Unidos vai anunciar em apenas alguns momentos que os Estados Unidos tem o corpo de Osama Bin Laden, que Osama Bin Laden foi morto e os Estados Unidos estão convencidos de que tem o corpo de Osama Bin Laden, o mentor do 11/09, o arquiteto da Al-Qaeda. Nós não sabemos os detalhes, nós não sabemos como isso aconteceu, mas estamos sendo informados agora por diversas fontes – fontes da administração e do congresso -, que a administração está agora dizendo para os membros seniores do congresso e dizendo para outros que ela acredita que tem agora, está convencida de que tem agora o corpo de Osama Bin Laden. Ele foi morto e nós não sabemos como isso aconteceu, mas esse é o anúncio dramático que o presidente vai fazer. E, Don, só pense no que isso significa. Tem quase dez anos desde os ataques de 11/09, e mais do que isso desde que o Osama Bin Laden é o líder da Al-Qaeda. O presidente dos Estados Unidos vai entrar na sala de “briefing” numa noite de domingo e dizer à nação que, depois de toda essa espera,

depois de toda essa mágoa, toda essa procura, todo esse fracasso, o governo dos Estados Unidos está agora convencido de que tem o corpo de Osama Bin Laden e que Osama Bin Laden está morto, quase dez anos depois do ataque de 11/09. E nós cobrimos a Casa Branca juntos por um longo tempo, você sabe exatamente o que isso significa, você que sabe que figura Osama Bin Laden se tornou, uma figura nefasta ao redor do mundo, não só nos Estados Unidos. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, está prestes a entrar sala de “briefing” dos Estados Unidos e dizer que os Estados Unidos está agora certo, certo, de que Osama Bin Laden foi morto e o corpo dele foi identificado.

Bin Laden morto: entrada ao vivo de Kabul

(adicionado ao site em 02 de maio)

Nick Paton Walsh – correspondente:

Acabei de falar com um oficial sênior da inteligência paquistanesa, ele estava dizendo muito pouco, mas uma coisa chave é que ele está confirmando a morte de Bin Laden, está dizendo que é resultado de uma “operação de inteligência” altamente sensível que levou à morte de Bin Laden. E muito importante: ele também está dizendo que oficiais da inteligência paquistanesa estiveram envolvidos nessa operação. Agora é importante ter em mente que acusações de conluio vão aparecer a partir de agora, emergidas do fato de Osama Bin Laden estava em Islamabad – se isso acabar se confirmando. Mas os paquistaneses estão liberando essas informações e confirmando a morte. Eles estão obviamente querendo mostrar que são aliados dos Estados Unidos na guerra contra o terror e eu acho que claramente também tentando antecipar qualquer acusação de conluio.

A morte de Bin Laden afeta o mundo

(adicionado ao site em 02 de maio)

Nic Robertson – correspondente:

Âncora - Nic, você estava no Afeganistão no 11 de setembro, quase dez anos atrás, e o mundo está agora recém começando a saber que os Estados Unidos, em algum tipo de operação coordenada, quer seja com a assistência de outros ou não, que os Estados Unidos confirmou que Bin Laden está morto. Vá em frente e comente.

Nic – Will, se isso prova, enquanto estamos começando a entender que isso aconteceu no Paquistão, que ele esteve se escondendo no Paquistão, perto da capital do Paquistão, Islamabad, isso também vai ter, vai tornar nossas relações com o Paquistão ainda mais temerosas e mais difíceis. Também não seria difícil imaginar que poderá haver algum tipo de protesto ou pancadaria nas ruas lá de Islamabad, mas isso tem sido exatamente a preocupação dos oficiais ocidentais, de que Bin Laden tenha estado escondido bem à vista, que ele tenha estado dentro das fronteiras do Paquistão, que ele tenha estado escondido não nas áreas fronteiriças remotas, mas perto de uma das maiores cidades. Se de fato é verdade que é Islamabad, então isso vai tensionar as relações entre Estados Unidos e Paquistão e entre a Europa e o Paquistão. Também vai colocar muita tensão no governo do Paquistão. Essa tem sido uma das questões mais difíceis e espinhosas para eles, lidar com o fato: o que acontece se Bin Laden for preso ou morto no seu solo? Porque isso vai imediatamente mostrar que ele estava escondido lá, que apesar das afirmações de que eles estavam fazendo o melhor que

podiam para capturá-lo, há falhas nas suas operações de inteligência das quais eles não sabiam, que ele conseguiu de fato se esconder longe da vista. As implicações imediatas para a Al-Qaeda ao redor do mundo, é improvável que isso mate a Al-Qaeda, mas isso vai ter um enorme impacto psicológico nos membros da organização. Também é muito provável que nós iremos ouvir membros da organização dizendo na internet que eles não acreditam nisso. Então, muito provavelmente, os Estados Unidos, o presidente Obama, vão ter que encontrar alguma distância para provar e mostrar para esses herdeiros da Al-Qaeda que eles de fato mataram Osama Bin Laden. Eu acho que isso é uma boa parte do que podemos esperar do presidente Obama quando ele se manifestar, porque é claro que os membros da Al-Qaeda vão dizer que isso não é verdade, que isso é parte da propaganda ocidental, e eles não vão acreditar enquanto não virem alguma evidência.

Multidão celebra na Casa Branca

Imagens ao vivo de Washington, onde muitas pessoas gritam e celebram em frente à Casa Branca. Muitos aplausos. Ao fundo, ouve-se gritos de “USA! USA!”

Discurso Barack Obama:

Boa noite. Hoje à noite, eu posso relatar ao povo americano e ao mundo que os Estados Unidos realizaram uma operação que matou Osama Bin Laden, o líder da Al-Qaeda, e um terrorista que é responsável pelo assassinato de milhares de homens inocentes, mulheres e crianças.

Foi há quase 10 anos que um brilhante dia de setembro foi escurecido pelo pior ataque ao povo americano em nossa história. As imagens de 11 de setembro estão gravadas na nossa memória nacional - aviões seqüestrados cortando um céu sem nuvens de setembro, as Torres Gêmeas desabando no chão, fumaça preta acima do Pentágono, os destroços do voo 93 em Shanksville, Pensilvânia, onde as ações de cidadãos heróicos salvarem de ainda mais desgosto e destruição.

E, no entanto, sabemos que as piores imagens são aquelas que foram invisíveis para o mundo. A cadeira vazia na mesa de jantar. As crianças que foram obrigadas a crescer sem a mãe ou o pai. Pais que nunca conheceriam o sentimento do abraço de seus filhos. Cerca de 3 mil cidadãos tirados de nós, deixando um buraco em nossos corações.

Em 11 de setembro de 2001, no nosso tempo de sofrimento, o povo americano se uniu. Oferecemos aos nossos vizinhos uma mão, e oferecemos aos feridos nosso sangue. Reafirmamos nossos vínculos com o outro, e nosso amor pela comunidade e o país. Naquele dia, não importava de onde viemos, a que Deus orávamos, ou que raça ou etnia éramos; estávamos unidos como uma família americana.

Nós também estávamos unidos em nossa determinação para proteger nossa nação e trazer aqueles que cometeram este brutal ataque à justiça. Nós rapidamente descobrimos que os ataques de 11 de setembro foram realizados pela Al-Qaeda - uma organização liderada por Osama Bin Laden, que tinha declarado abertamente guerra nos Estados Unidos e se comprometeu a matar inocentes em nosso país e ao redor do globo. E assim fomos para a guerra contra a Al-Qaeda para proteger os nossos cidadãos, nossos amigos e nossos aliados.

Nos últimos 10 anos, graças ao trabalho incansável e heróico dos nossos militares e profissionais contra o terrorismo, temos feito grandes avanços nesse esforço. Nós temos interrompido ataques terroristas e reforçado defesa da nossa pátria. No Afeganistão, nós

removemos o governo talibã, que havia dado a Bin Laden e à Al Qaeda segurança e apoio. E ao redor do globo, nós trabalhamos com nossos amigos e aliados para capturar ou matar dezenas de terroristas da Al-Qaeda, incluindo alguns que faziam parte do lote 11 de setembro. No entanto, Osama Bin Laden evitou a captura e escapou do outro lado da fronteira com o Afeganistão para o Paquistão. Entretanto, a Al-Qaeda continua a operar ao longo dessa fronteira e intervir através das suas filiais em todo o mundo.

E assim, logo após tomar posse, eu dirigi Leon Panetta, o diretor da CIA, para fazer do abate ou captura de Bin Laden a principal prioridade da nossa guerra contra a Al-Qaeda, assim como continuamos nossos esforços mais amplos para interromper, dismantelar e a desfazer sua rede.

Então, em agosto passado, depois de anos de árduo trabalho da nossa comunidade de inteligência, eu fui informado sobre uma possível condução a Bin Laden. Foi longe de ser certo, e demorou muitos meses para levar esta discussão ao chão. Eu encontrei várias vezes com minha equipe de segurança nacional assim como desenvolvemos mais informações sobre a possibilidade de termos localizado o esconderijo de Bin Laden em um composto no interior do Paquistão. E, finalmente, na semana passada, eu determinei que tínhamos inteligência suficiente para agir, e autorizei uma operação para obter Osama Bin Laden e trazê-lo à justiça. Hoje, na minha direção, os Estados Unidos lançaram uma operação contra esse complexo em Abbottabad, Paquistão. Um pequeno grupo de norte-americanos realizou a operação com uma coragem extraordinária e capacidade. Nenhum americano foi prejudicado. Eles tomaram cuidado para evitar vítimas civis. Após um tiroteio, mataram Osama Bin Laden e tomaram a custódia de seu corpo.

Por mais de duas décadas, Bin Laden foi líder e símbolo da Al-Qaeda, e continuou a planejar ataques contra nosso país e nossos amigos e aliados. A morte de Bin Laden assinala a conquista mais significativa até a data do esforço de nossa nação para derrotar a Al-Qaeda.

No entanto, sua morte não marca o fim do nosso esforço. Não há dúvida de que a Al-Qaeda continuará com os ataques contra nós. Precisamos manter-nos vigilantes em casa e no exterior.

Ao fazermos isso, temos também de reafirmar que os Estados Unidos não estão - e nunca estarão - em guerra com o Islã. Eu deixei claro, assim como o presidente Bush fez logo após o 11 de setembro, que a nossa guerra não é contra o Islã. Bin Laden não era um líder muçulmano, ele era um assassino em massa de muçulmanos. Na verdade, a Al-Qaeda tem abatido dezenas de muçulmanos em muitos países, inclusive a nossa. Assim, sua morte deve ser saudada por todos que acreditam na paz e dignidade humana.

Ao longo dos anos, eu tenho várias vezes deixado claro que iria tomar medidas no Paquistão se soubéssemos onde Bin Laden estava. Isso é o que nós fizemos. Mas é importante notar que a nossa cooperação antiterrorista com o Paquistão ajudou a nos levar a Bin Laden e ao complexo onde estava escondido. Na verdade, Bin Laden declarou guerra contra o Paquistão, bem como, ordenou os ataques contra o povo paquistanês.

Hoje à noite, liguei para o presidente Zardari, e minha equipe também tem falado com os seus homólogos do Paquistão. Eles concordam que este é um bom dia e histórico para as nossas duas nações. E daqui para frente, é essencial que o Paquistão continue a se juntar a nós na luta contra a Al Qaeda e seus afiliados.

O povo americano não escolheu essa luta. Ele veio pelas nossas costas, e começou com a matança sem sentido dos nossos cidadãos. Após quase 10 anos de serviço, luta e sacrifício, nós sabemos bem os custos da guerra. Estes esforços pesam sobre mim cada vez que eu, como comandante, tem que assinar uma carta de uma família que perdeu um ente querido, ou olhar nos olhos de um membro do serviço que foi gravemente ferido.

Assim, os americanos compreendem os custos da guerra. No entanto, como um país, nós nunca vamos tolerar nossa segurança sendo ameaçada, nem ficar de braços cruzados enquanto o nosso povo é morto. Nós seremos implacáveis na defesa dos nossos cidadãos e nossos amigos e aliados. Seremos fiéis aos valores que nos fazem quem somos. E em noites como esta, podemos dizer às famílias que perderam entes queridos com o terror da Al-Qaeda: a justiça foi feita.

Hoje à noite, damos graças à inteligência e inúmeros profissionais contraterrorismo que trabalharam incansavelmente para alcançar este resultado. O povo americano não vê o seu trabalho, nem sabe seus nomes. Mas hoje, eles sentem a satisfação de seu trabalho e o resultado de sua busca por justiça.

Agradecemos aos homens que realizaram essa operação, pelo exemplo de profissionalismo, patriotismo e coragem ímpar daqueles que servem o nosso país. E eles fazem parte de uma geração que tem suportado a maior parcela da carga desde aquele dia de setembro.

Por fim, deixe-me dizer às famílias que perderam entes queridos em 11 de setembro que nunca esqueceremos a sua perda, nem hesitaremos em nosso compromisso de fazemos de tudo para evitar outro ataque nas nossas costas.

E hoje, vamos pensar de volta no sentido de unidade que prevaleceu em 11 de setembro. Eu sei que ele tem sido, por vezes, desgastado. No entanto, a realização de hoje é um testemunho da grandeza do nosso país e a determinação do povo americano.

A causa da segurança de nosso país não está completa. Mas hoje, estamos mais uma vez lembrando que a América pode fazer o que colocamos em nossa mente. Essa é a história da nossa história, se é a busca da prosperidade para nosso povo, ou a luta pela igualdade de todos os nossos cidadãos, nosso compromisso de defender os nossos valores no exterior e os nossos sacrifícios para tornar o mundo um lugar mais seguro.

Lembre-mos de que nós podemos fazer estas coisas não só por causa da riqueza ou poder, mas por causa de quem somos uma nação sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos.

Obrigado. Que Deus os abençoe. E que Deus abençoe os Estados Unidos da América.